



Jornal Zero Hora
Matéria: Rico volta ao risco
Repórter: Marta Sfredo
Julho/2009

Rico volta ao risco

O que os gestores das finanças dos milionários fazem para evitar que fortunas não se derretam com a crise

Brasileiros com mais de R\$ 1 milhão para investir ganharam nos últimos anos dezenas de alternativas para administrar suas fortunas, muitas com acesso aos sofisticados instrumentos financeiros que deflagraram a crise. Quando a nuvem de ativos tóxicos contaminou as finanças globais, derreteu nacos desses patrimônios.

Até soberanos como Elizabeth II, da Grã-Bretanha, e Bhumibol Adulyadej, da Tailândia, monarca mais rico do mundo, perderam entre 10% e 30% de seus tesouros. Foi o que ocorreu, na média, entre os endinheirados nacionais. Apesar do trauma, gestores começam a observar a volta da disposição dos clientes de recuperar o brilho anterior, mesmo usando o risco como polidor.

Fundador e presidente da Werner & Associados Desenvolvimento Societário, René Werner situa em novembro de 2008 o momento crítico para os envolvidos com gestão de patrimônio. A empresa, que opera com family offices, não aplica o dinheiro, mas faz a ponte com os bancos.

– Administramos o estresse. Meus clientes estão aplicando no que conhecem, não aceitam produtos novos – relata Werner.

Diretor do BNY Mellon Gestão de Patrimônio, Gustavo Castello Branco atua numa faixa abrangente de investidores, que começa em R\$ 100 mil e vai até clientes mais exclusivos, com patrimônio mínimo de R\$ 5 milhões. Em sete anos, os recursos sob seus cuidados decuplicaram. Embora a maioria tenha suportado o solavanco, evitando perdas reais – não as potenciais refletidas em fundos ou bolsa –, alguns não resistiram.

– Houve muita pressão por redução de risco. Boa parte conseguimos conter, mas em muitos casos não foi possível. Passados dois, três meses, alguns voltaram mais tranquilos, pedindo para aumentar o risco. Aí, temos de advertir se percebemos que o cliente não tem estômago para isso – confessa Castello Branco.

Segundo o diretor do BNY Mellon, mesmo inspirado na tendência em vez de se antecipar à onda, o investidor está mais maduro. Até os fundos multimercado estão em reabilitação. Embora acumulassem histórico invejável – dois a três meses negativos em seis a oito anos de existência – esses fundos variavam com as bolsas, chegando a amargar até seis meses de perdas.

– Como também há mudança de padrão de retorno, com a queda do juro, o cliente se movimenta para manter a remuneração. Agora, sabendo que não é verdade que nada de errado pode acontecer, entendendo que para buscar retorno mais interessante, precisa correr mais risco.

Autoconhecimento é o primeiro capítulo de qualquer conversa entre cliente e gestor de fortunas. Segundo Rosaline Nunes, superintendente executiva de gestão de recursos do HSBC, o tamanho do estresse com a crise diminui se o cliente tiver apetite por risco:

– A pessoa precisa saber se o coração vai aguentar a volatilidade. Se alguém prefere a segurança de uma renda fixa com rendimento de 1% ao mês, não pode reclamar do retorno.

Nascida da Janus, criada para cuidar da fortuna dos três fundadores da Natura – Luiz Seabra, Guilherme Leal e Pedro Passos –, a Pragma Patrimônio atende outros clientes há dois anos. Nesse nível, uma dezena de milhões pode ser pouco, embora José Guimarães Monforte, fundador e presidente da Pragma, não estipule valores:

– R\$ 1 milhão não é eficiente para alocar, R\$ 10 milhões também talvez não seja. Queremos atuar numa referência um pouco maior.

Quatro décadas de experiência, assegura Monforte, permitiram detectar a piora dos indicadores. Por conta disso, diz estar, “sem falsa modéstia”, entre os que previam risco crescente.

– Ninguém atravessou a crise sem arranhões, mas a maioria dos nossos clientes saiu com escoriações leves. Quem tinha assessoria de alguém do grupo que achava que tudo fluiria bem amargou perdas importantes – constata o empresário.

Embora aponte a necessidade de buscar “outras geografias” para preservar e multiplicar os patrimônios que administra, Monforte avalia que países emergentes, o Brasil em especial, têm “oferecido oportunidades de acrescentar mais risco no portfólio”. Entre as ações nacionais, o foco está nas empresas mais ligadas ao mercado interno. Monforte e Castello Branco avaliam que o susto da crise aumentou o número de clientes.